



## A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO ESPECIAL NO CINEMA

*The identity construction of the special subject in the cinema*

Juliana Cristina Minaré PEREIRA<sup>1</sup>

Josiane Gonzaga de OLIVEIRA<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente texto pretende analisar, da perspectiva cinematográfica, como a identidade dos professores e alunos são construídas e como essa relação ensino-aprendizagem pode e deve ser modificada de acordo com a necessidade de cada um. Com base nos estudos da Linguística Aplicada, pretende-se perceber como a realidade educacional é retratada e, a partir disso, propor mudanças na maneira como essas relações são constituídas e o que pode ser feito com o intuito de melhorar a qualidade educacional, sempre respeitando a diferença e individualidade de cada ator envolvido neste processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino. Educação. Linguística Aplicada. Heterogeneidade.

**ABSTRACT:** This text intends to analyze film perspective, as the identity of the teachers and students are built and how this teaching-learning relationship can and should be modified according to the needs of each one. Based on studies of applied linguistics seeks to understand how the educational reality is portrayed and, from this, propose changes in the way these relationships are formed and what can be done to improve the educational quality, always respecting the difference and individuality of each actor involved in this process.

**KEYWORDS:** Education. Teaching. Applied linguistics. Heterogeneity.

## 1. INTRODUÇÃO

Pensar no contexto educacional atual é levantar uma série de questões que precisam ser discutidas. Sabe-se que a Linguística Aplicada Indisciplinar surge como forma de atender a demanda cada vez maior de tratar os processos educacionais de maneira mais eficiente, ou seja, criando formas de atingir a todos os alunos de maneira igual, sem distinções ou preconceitos. Neste trabalho pretende-se analisar como esses processos educacionais são tratados na cinematografia e como os próprios filmes são canais de disseminar ideias preestabelecidas.

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários (PPGEL) | UNESP/FCLAr. Licenciada em Letras Português / Inglês | UFTM - Campus Uberaba. E-mail: [juminare@gmail.com](mailto:juminare@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/SJRP – SP.





Tais discussões tornam-se necessárias à medida que o mundo se transforma e novas perspectivas precisam ser adotadas para abarcar todas as mudanças sociais que ocorrem. Tem-se situações que precisam ser discutidas como as transformações sociais que ocorrem o tempo todo. Pensar sobre isto é remeter-se à posmodernidade e as ideias disseminadas pelo filósofo contemporâneo Zygmunt Bauman, que propõe o conceito de *Modernidade Líquida*, que discute como tudo na sociedade tem aspecto líquido, transformável, adaptável. “Mas a modernidade não foi um processo de “liquefação” desde o começo? Não foi o “derretimento dos sólidos” seu maior passatempo e principal realização? Em outras palavras, a modernidade não foi “fluida” desde sua concepção?” (BAUMAN, 2003, p.09) Para o autor, na sociedade atual não é possível tratar as coisas da perspectiva da solidez: tudo se transforma a todo o momento e não há outra saída senão acompanhar esse movimento líquido, que se transforma e adapta em todas as situações. O que é sólido tende a permanecer sempre estático, imutável. No contexto escolar, cada vez mais é preciso levar em consideração essa discussão, pois não há nada tão permanente num contexto de aprendizagem, cada indivíduo tem uma formação distinta e isto precisa ser levado em consideração para que o processo de troca de conhecimentos se efetive.

De acordo com Bauman, os primeiros sólidos que devem derreter e os primeiros sagrados a profanar são as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atam pés e mãos, impedem os movimentos e restringem as iniciativas. Ora, no contexto escolar é preciso modificar a maneira como o ensino é tratado e passado para o aluno. Questões como quem é o aluno? Quem é o professor? Como a escola trata todos que fazem parte do seu universo? Estas indagações são fundamentais para a construção de um ambiente educacional diferente e que, realmente, atinja seu objetivo de letramento.

Nessa perspectiva de transformação da maneira como o ensino deve ser tratado, a Linguística Aplicada (LA) exerce papel fundamental: deixa-se de levar em consideração apenas questões de cunho teórico e passam a analisar questões sociais na pesquisa. A LA passa a ser considerada uma matéria das ciências sociais, já que é essencial levar em consideração questões do indivíduo, suas atitudes e comportamentos, a fim de redefinir papéis sociais e identidades preestabelecidas, dando significados reais tanto para os alunos como para os professores.

Partindo do pressuposto que a escola é composta de seres heterogêneos, que apresentam características diferentes, o objetivo é analisar como essa realidade é tratada no cinema. O corpus selecionado para este trabalho pretende mostrar como esses atores educacionais são representados e analisar como essas representações são feitas e o que se pode aprender com elas. Nesse sentido, o cinema torna-se ferramenta de pesquisa e reflexão sobre a retratação desses



indivíduos, e, a partir disto, questionar essas ideias e pensamentos cristalizados a respeito desse universo.

## 2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE OS ATORES EDUCACIONAIS

Sabe-se que a construção identitária do sujeito acontece via linguagem. Privar o sujeito disso é privá-lo de construir sua identidade e da formação de sua subjetividade. A LA tem como princípio fundamental estudar as relações sociais no ambiente escolar e, a partir disso, criar possibilidade das minorias, que não são homogeneizadas, criarem sua identidade enquanto sujeitos capazes de aprender e serem também, atores no ambientes educacionais. Neste sentido, analisar como os diferentes são tratados nesse ambiente torna-se primordial para a aplicação desses conceitos.

Todas essas questões são fundamentadas com base nos conceitos de identidade e diferença, postulados por Stuar Hall (2013), que diz ser um dependente do outro, a medida que um não se faz sem o outro. Para um indivíduo ter a identidade x, outro, necessariamente, tem a identidade y ou z. Compreender essa questão é fundamental para os estudos da linguagem e como esse estudo é levado até a sala de aula. Ora, se a identidade é formada com base na diferença, esta precisa ser levada em consideração. Excluir o diferente não é caminho, há de se pensar que, não havendo homogeneização cada um terá necessidades especiais.

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (TADEU, 2014, p.76). Logo, se são construções sociais cada um deve ter o direito de construir sua própria identidade, com a base na diferenciação que tem do outro. Se este direito é suprimido do indivíduo, outro o fará e nem sempre será uma representação do que é real. Há uma tendência a considerar o aluno diferente como menos capaz que os outros, porém, essa é uma concepção dada por outrem, sem, na maioria das vezes haver uma comprovação efetiva. Portanto, deve-se ter em mente que a homogeneidade é inevitavelmente ilusória, ou seja, num ambiente escolar ou outro qualquer, sempre haverá pessoas distintas, com necessidades distintas e que precisam ter o direito de construir sua própria identidade e não apenas se encaixar em um modelo imposto a ela.





Se não há sujeito sem discurso e vice-versa, se a sala de aula é heterogênea, composta por uma pluralidade de vozes, investigar o funcionamento discursivo da dela e rastrear os efeitos de sentido desse dizer é tarefa fundamental para que todos sejam atingidos. Este procedimento buscar respostas para garantir a inserção dos alunos que fogem aos padrões considerados adequados no sistema. O professor terá papel fundamental na mudança de paradigmas: ele deve ser capaz de inserir a diversidade no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, a maneira como o professor expressa seu saber científico faz toda a diferença em sala de aula. Esta atuação será fundamental para a determinação de como a identidade do sujeito é constituída em sala de aula, tanto a do professor como a do aluno. Esse posicionamento visa a quebra dos paradigmas impostos pela sociedade, pelo papel que esta já impõe aos indivíduos considerados diferentes. Neste sentido, como acessar identidades que se formam e se transformam continuamente e que se relacionam diretamente com os modos como somos interpelados nos sistemas culturais dos quais fazemos parte (HALL, 2003, p.13) é questionamento fundamental para que todos tenham acesso à linguagem, aprendizagem e, conseqüentemente, direito de construir sua própria identidade.

Há estudos que propõem uma perspectiva construtivista social (que designa um conjunto de estudos sociológicos), na qual as realidades sociais são aprendidas como construções históricas e cotidianas dos atores individuais e coletivos (CORCUFF, 2001, p.26). Nessa perspectiva, a realidade dos alunos é levada em consideração para que haja maior aproveitamento. Considerar o caráter plural de cada indivíduo, de suas identidades, de suas interações, e as diversas configurações de repertórios resultantes de práticas e atividades a que se dedica, tendo um horizonte histórico social comum (LAHIRE, 2002), são também caminhos para a construção desse conhecimento. Tais perspectivas focalizam não os resultados ou efeitos homogêneos do letramento, mas sim aqueles heterogêneos, dependentes dos contextos, dos papéis, dos objetivos e das formas de interação que guiam os sujeitos em atividades (VÓVIO, SOUZA, 2005, p.44). Portanto, a pesquisa em LA visa quebrar as barreiras impostas pelos conceitos preestabelecidos e criar novas maneiras de ensinar, levando em consideração os aspectos heterogêneos dos indivíduos, acabando com a ideia de que o que não se pode homogeneizar é colocado de lado.

Essa realidade da homogeneização criou uma situação no ambiente escolar, onde os alunos que não se encaixam são considerados especiais e acabam excluídos dessa realidade, criando mais barreiras para o seu desenvolvimento, como se vê a seguir:

A invenção da “dificuldade de aprendizagem”, como sendo um problema do sujeito, tem sido uma alavanca para a proliferação de serviços e clínicas que



buscam minimizar, sanar ou recuperar alunos e alunas com dificuldades para que esses possam estar acompanhando o ensino regular no tempo escolar da aprendizagem. Tempo e espaço escolares são, entre outros elementos determinantes das condições normais de uma aprendizagem considerada adequada e dentro das fases ou níveis do desenvolvimento cognitivo apontadas, a partir de diferentes pressupostos teóricos, como sendo referencias para um desenvolvimento saudável (LOPES, FABRIS).

Como essa realidade de 'dificuldade de aprendizagem' e 'escola especial', há um processo de exclusão daqueles não se enquadram dentro da homogeneidade propagada do ambiente escolar. Há de se pensar individualmente para se criar estratégias coletivas para que todos sejam atendidos, cada um com suas especificidades. Excluir o diferente parece ser o caminho mais fácil e perpetuar a ideia de um ambiente escolar homogêneo. O que se quer é deixar de lado estereótipos sociais nos quais são enquadrados sujeitos e que, na maior parte das vezes, não permitem reconhecer ou identificar possibilidades individuais trilhadas e um campo social compartilhado (VÓVIO, SOUZA, 2005, p.45).

A mudança na perspectiva investigativa da LA propõe quebrar as barreiras da homogeneização e criar um ambiente em que cada um possa ser agente criador de sua própria identidade, fugindo da construção dada pelo outro, que tende a colocar o outro, o diferente, sempre em posição de inferioridade. Esse tipo de configuração das sociedades aponta para os efeitos que essas mudanças podem ocasionar ao deslocar os sujeitos de lugares e noções preestabelecidas e aparentemente organizadas que se rearranjam em novos contextos. De certo modo, tais transformações na ordem sócio-cultural indicam novos contornos e outras categorias de análise social, territorial e historicamente situadas, objetos que desafiam pesquisadores (VÓVIO, SOUZA, 2005, p.45). Partir do princípio que todos têm direitos iguais de aprendizagem é mexer com toda estrutura já imposta socialmente, é quebrar paradigmas e mudar a identidade moldada pela sociedade de que professores precisam ser agentes transformadores e alunos com qualquer dificuldade devem ser postos de lado, não devem ser incluídos num sistema regular de ensino.

### 3. A REPRESENTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DO ALUNO E DO PROFESSOR

Para a corroboração das teorias expostas até aqui, a intenção é analisar duas obras cinematográficas e perceber como a formação identitária do sujeito é tratada. Sabe-se que o Cinema, assim como a mídia, forma opiniões que nem sempre correspondem com a realidade, mas que também servem como fonte de denúncia de fatos. Logo, tem-se um canal que serve como fonte





de pesquisa, e que, com senso crítico, é possível perceber como as identidades de aluno e professor estão sendo propagadas, se há uma reprodução da realidade, se há intenção de modificar o que está cristalizado. Arelada ao estudo teórico, essa análise visa identificar o que tem de representação do real, o que é construído, o que tem de estereótipo, e assim propor mudanças na forma de pensar qual é a identidade do professor e do aluno, e como ela de fato deve ser tratada.

Para esta análise foram selecionados os filmes “Mr. Holland, o professor adorável” e “Gaby, uma história verdadeira”. Ambos tratam do universo escolar e de aprendizagem e lançam questões a serem discutidas, como a inclusão do aluno especial numa escola regular, como essas crianças são percebidas e tratadas na escola e o papel do professor na condução da relação entre ensino e aprendizado.

Em “Mr. Holland, o professor adorável” há a criação de uma identidade do professor como sendo o ‘salvador’, aquele que é capaz de transformar a vida dos alunos, disseminando arte e conhecimento. Porém, há um conflito interno na vida do professor tão adorado por seus alunos: Mr. Holland é capaz de incluir e ensinar seus alunos, transformar suas vidas de fato, entretanto, não é capaz de aceitar o filho que nasce surdo. O professor adorável consegue estabelecer um diálogo eficiente com todos os seus alunos, mas não consegue criar o mesmo canal de comunicação com o filho que tem uma limitação física.

Já em “Gaby, uma história verdadeira” é retratada a história de uma menina com paralisia cerebral que quer ser incluída no universo da aprendizagem. Gaby luta para ter os mesmos direitos que qualquer criança tem de estar no universo escolar, de aprender e se desenvolver. Ela vai enfrentar várias barreiras para alcançar seus objetivos, inclusive problemas dentro da família, que também a limita.

Há nas duas obras várias questões a serem discutidas, a começar pelo fato de limitarem a capacidade das crianças com algum tipo de deficiência, criando uma identidade de incapaz perante os outros, como a família lida com essas crianças e seu aprendizado, como as escolas, tanto a regular como a especial, tratam esses alunos, e por fim, como os professores são representados. Ambos os filmes são grandes fontes de pesquisa para analisar essas representações e como essas identidades são construídas, e através disto verificar o que pode ser mudado dessa realidade.



#### 4. O RETRATO DA REALIDADE NO CINEMA

ReFaMi



Como já discutido, há uma tendência de tratar o ambiente escolar como homogêneo, e com isso, excluir do sistema aqueles que não são capazes de se adequar. Nesse sentido, cria-se ideias de como deve ser o aluno e o professor ideal. Entretanto, na prática, sabe-se que a realidade é outra, que os atores que compõem o ambiente escolar são indivíduos com formações identitárias distintas, histórias distintas e que, essas diferenças devem ser levadas em consideração para que a relação ensino-aprendizado seja concluída de maneira efetiva e sem a exclusão de ninguém.

Em “Mr. Holland: o professor adorável” [1] há a caracterização do professor como o grande salvador do processo educacional, aquele que ocupa o papel de agente transformador de seus alunos. No início, Mr. Holland tem problemas de adaptação ao ambiente escolar, já que está dando aula apenas para complementar a renda familiar. Esta é uma realidade no ambiente escolar: o professor que não se identifica com a profissão e a pratica apenas por não ter alternativa. Entretanto, há uma mudança comportamental do ator professor ao longo do filme. Há uma percepção por parte dele que sua música e seu ensinamento podem transformar a vida dos alunos. Passa de reprodutor do sistema educacional para o grande salvador, aquele que é capaz de ensinar e transformar os alunos culturalmente.

Essas duas representações são confirmadas pela cena em que, primeiro, o professor é questionado pela coordenadora da escola o porquê da sua não participação em reuniões escolares e da sua ‘fuga’ ao final das aulas; e segundo, ele passa a dar aulas extras para uma aluna que tem dificuldade e percebe como pode mudar a maneira de ensinar para atingir as necessidades específicas dela. Percebe-se então que há uma mudança de identidade ao longo do filme: primeiro o professor ocupa o papel de reprodutor do sistema e depois daquele que é capaz de mudar o mundo pelo ensino. Será que essas são identidades que representam a realidade? Será que são as identidades que o professor deveria ter de fato? Essas são questões que norteiam a discussão a respeito da formação da identidade do professor e ajudam a formar uma identidade que seja condizente com o que deve ser de verdade. O professor precisa ser agente transformador, mas não deve carregar o peso da educação em suas costas, como sendo o único a dar salvação para os alunos.

Na obra “Gaby, uma história verdadeira” [2] são retratados três professores distintos. Todos eles representam identidades que precisam ser revistas quando se trata o ambiente escolar de maneira heterogênea. Os três tipos de professores representados neste filme corroboram a ideia de





que o ensino deve ser padronizado e aquele que não se enquadra deve ser excluído. A primeira identidade retratada é a da professora da escola especial que Gaby frequenta, ela não ensina nada aos alunos, apenas reproduz os mesmos conhecimentos todos os anos e acredita que os alunos são incapazes de aprender devido às deficiências que possuem. A segunda representa os professores da escola regular que impõe resistência à presença de um aluno especial, alegando que não seria capaz de acompanhar o desenvolvimento da turma. Já no terceiro, há a representação do professor descuidado, que não se prepara para a sala de aula, e tem seus conhecimentos questionados por Gaby.

Os três casos do filme [2] revelam como o sistema educacional produz professores que são incapazes de atender as demandas de uma sala de aula composta por alunos diferentes e também, como cada profissional vai estabelecer uma relação com esses alunos. Esta é, infelizmente, uma retração real do que acontece no ambiente escolar, onde os professores não estão preparados para lidar com qualquer situação diferente com que se deparam e tem como forma de trabalho métodos que são ineficientes para qualquer aluno, seja ele especial ou não. Há a construção de papéis impostas pela sociedade e que são reproduzidos em todo ambiente escolar. Para o professor espera-se que seja o salvador da pátria, todos com sistema eficiente de ensino. Para o aluno, o papel exigido é que todos aprendam no mesmo ritmo e tempo, sem levar em consideração as peculiaridades de cada um. Na verdade, o que se pode perceber é que há um processo de homogeneização com os dois atores e é contra isso que as pesquisas em LA luta. Pesquisar e entender como esse ambiente heterogêneo se forma e quais estratégias devem ser adotadas para que todos possam exercer de fato seus papéis sociais e, a partir disso, criar identidades que sejam condizentes com a condição de cada um.

Em [1], há uma situação conflituosa no que diz respeito a identidade de Mr. Holland. Ele é retratado como um professor especial, capaz de transformar a vida de seus alunos através da música, mas é incapaz de aceitar e incluir o filho com surdez. Para ele, a surdez limitava a sensibilidade do filho e, além disso, não estava disposto a aprender a língua dos sinais para fazer parte da vida da criança. Ele cria mecanismos para ensinar todos os seus alunos, mas não o faz com seu filho. Esse conflito representa uma hipocrisia social: quando o problema é com os outros é fácil resolver, mas quando a dificuldade está no âmbito familiar, tudo fica mais complexo. Há outra questão que precisa ser levada em consideração. Todos os alunos que Mr. Holland ajudou tinham dificuldades de aprendizagem, já o problema com seu filho havia um agravante, que era a surdez, que exigia um conhecimento a mais para lidar. Logo, o filme retrata uma realidade que é recorrente no ensino: os alunos com necessidades especiais são colocados de lado, devido a demanda maior





de conhecimento que precisa. Há uma cena que retrata isso perfeitamente, quando o médico diz que a criança precisa ser estimulada ao máximo para falar, para que não viva excluída. Aqui se tem uma perspectiva, a de que ele deve ser 'obrigado' a não aprender a linguagem dos sinais, para parecer mais 'normal'. Ora, há uma inversão de papéis, o especial que precisa se adequar e não o contrário. Não há, nesse sentido, respeito com as necessidades do indivíduo, revelando mais uma vez que quem não se encaixa nos padrões está fora do sistema.

Essa situação familiar só é resolvida quando o filho xinga o pai de idiota, por este não perceber a sensibilidade que aquele tinha com a música. Neste momento, Mr. Holland percebe como era preconceituoso e excluía o filho de sua vida por conta da deficiência que tinha. Esta é, mais uma vez, a retratação de uma realidade: não há escolas e nem professores preparados para receber alunos diferentes no âmbito escolar. E não é apenas isso, esses alunos com necessidades especiais são, na maior parte das vezes, tratados como incapazes, como é o caso de Gaby, no filme [2].

Gaby tem paralisia cerebral e, por isso, tachada de incapaz. Entretanto, mostra ao longo da narrativa que sua limitação física não é fator suficiente para que seja excluída da vida acadêmica. Ela pede para sair da escola especial, e sofre resistência dentro da própria família, entretanto, mostra-se capaz, desafiando não apenas a família, mas provando na escola regular a sua capacidade e conhecimento. A escola tenta impedi-la, mas com sua força de vontade consegue se preparar e passar no exame de admissão. E não para nisso, Gaby vai para a universidade e consegue, mais uma vez, acompanhar a turma como um aluno "homogêneo" qualquer.

São várias as situações que comprovam a capacidade dos alunos e a recusa de inserção deles no meio acadêmico. Gaby aprende a ler através de uma placa com o alfabeto. Aprende a se comunicar através do estímulo que é dado a ela. Sua mãe e sua babá criaram uma forma de ensiná-la, levando em consideração suas necessidades. Fora dos padrões convencionais, Gaby conseguiu aprender e se comunicar como outra pessoa sem deficiência. Gaby e seu amigo Fernando, assim como o filho surdo do professor Holland, são obrigados a se adequarem ao que a sociedade entende como letramento adequado para eles.

Há as limitações, entretanto, elas não são fatores para o aprendizado e a comunicação não se efetivar. A escola em nenhum momento se propõe a adaptação para que o diferente possa ser incluído, ao contrario, ele que precisa se adaptar a ela. Esses exemplos estão totalmente fora da perspectiva atual que é a de que as pessoas teriam suas práticas de leitura e escrita delimitadas por configurações singulares, dependentes de suas histórias de vida, das práticas e atividades de que pertencem e à atividade a que se dedicam e, de modo mais abrangente, ao contexto sócio-histórico





que emoldura sua existência (Vóvio, Souza, p.44). Ou seja, os dois filmes retratam situações em que não há respeito algum com a individualidade do ser e que o princípio da homogeneização é aplicado inclusive no contexto familiar.

Mais do que fazer comparações valorativas e tomar como homogêneas as práticas culturais e seus efeitos sobre os sujeitos, é preciso abrir espaço para a percepção das singularidades (Vóvio, Souza, p.46). Diante desta afirmação e da retratação filmica desses atores que constituem o sistema educacional, percebe-se como esses estudos que visam a percepção das necessidades individuais destes atores são importantes para modificar a perpetuação de identidades que não condizem com a realidade e a necessidade desses indivíduos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da construção identitária dos sujeitos na cinematografia revela como há uma construção já preestabelecida, mas as próprias obras já mostram caminhos da superação para tais questões. Analisar como essas identidades são representadas torna-se fundamental para que haja propostas de melhoria dessa realidade.

Como apresentado, há estudos que promovem a discussão dessas questões e já detectaram que o ambiente escolar não é constituído de maneira homogênea e que ter consciência disso é fundamental para o desenvolvimento de todos, principalmente daqueles que não se encaixam dentro dos padrões consolidados pela sociedade.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LOPES, M. C.; FABRIS, E. H. **Dificuldade de aprendizagem**: uma invenção moderna. GT: educação especial – Unisinos.

SILVA, T. T. (Organizador). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2013.

VÓVIO, C. L.; SOUZA, A. L. S. **Desafios metodológicos em pesquisa sobre letramento**. In: **Letramento e formação do professor**: práticas discursivas, representações e



construção do saber / Angela B. Kleiman, Maria de Lourdes M. Matêncio (orgs.) – Campinas SP: Mercado das Letras, 2005.

ReFaMi

Sobre a autora:

**JULIANA CRISTINA MINARÉ PEREIRA**

É mestranda em Estudos Literários (PPGEL) | UNESP/FCLAr. Licenciada em Letras Português / Inglês | UFTM - Campus Uberaba. E-mail: [juminare@gmail.com](mailto:juminare@gmail.com)

**JOSIANE GONZAGA DE OLIVEIRA**

É doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/SJRP – SP.

